

Dentro do mar *rio*

ISADORA DALLE

Dentro do mar rio

ISADORA DALLE

*Trabalho de conclusão do curso de Artes
Visuais, habilitação em Bacharelado,
do Departamento de Artes Visuais do
Instituto de Artes da Universidade de Brasília,
sob a orientação do prof. Dr. Geraldo Orthof.*

[ATLÂNTICO]

Mar

Metade da minha alma é feita de maresia.



*Dedicado a Virgílio Neto,
que está fora da palavra.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Geraldo Orthof pela paciência e carinho. Aos meus pais pela vida toda, com tudo dentro. A Daniel Carvalho por ser meu irmão e ao que isso implica. A Salustiano Dalle Molle por ficar no meu pé. A Ananda Giuliani e a Samantha Canovas, porque haveria de ser. A Lucas Lyra, Raquel Vieira, Tainá Seixas, Igor Sossai, Bárbara Flor, Paula Valente, Nathália Fernandes, Helena Miranda e João Borges, por caminharmos juntos. Aos demais amigos, familiares e professores que me acompanharam pelos tempos.

SUMÁRIO

Dúvida (prólogo)	15
1. Deserto	23
2. Paisagem	33
3. Fenda	45
4. Água	53
Mística (epílogo)	61

LISTA DE FIGURAS

fig. 01 pág 16. Série Recolhimento, visão geral, impressão sobre papel algodão, 2014. Arquivo pessoal.

fig. 02 pág 23. Série Dentro do mar tem rio, visão geral, na exposição Sete Mais na Casa da Cultura da América Latina, 2014. Arquivo pessoal.

fig. 03 pág 24. Fotografia retirada de site de busca pelo assunto >> *deserto do Saara* <<

fig. 04 pág 33. Detalhe de instalação sem título na exposição *Plano Expandido* na Galeria espaço Piloto, 2014. Arquivo pessoal.

fig. 05 pág 33. Fotografia de arquivo pessoal, Marrocos, 2014.

fig. 06 pág 34. Fotografia de arquivo pessoal, Paquetá - RJ, 2014.

fig. 07 e 08 pág 36. Objetos relacionais, Lygia Clark.

fig. 09 pág 40-41. Díptico sem título, 2014. Arquivo pessoal.

fig. 10 pág 45. Fotografias de arquivo pessoal, Lisboa, 2014.

fig. 11 Fig. 11 pág 46. Sem título, visão geral, na exposição *Plano Expandido* na galeria Espaço Piloto, 2014. Arquivo pessoal.

fig. 12 e 13 pág 48. Instalações da artista Fernanda Gomes retiradas do site da Galeria Luisa Strina.

fig. 14 pág 54. Fotografia de arquivo pessoal, Chapada dos Veadeiros - GO, 2014.

fig. 15 pág 61. *Studies of skies*, Joseph Mallord William Turner.

fig. 16 pág 62. Fotografia de arquivo pessoal, Marrocos, 2014.

fig. 17 pág 64. Fotografia de arquivo pessoal, Marrocos, 2014.

fig. 18 pág 67. Fotografia de arquivo pessoal, Marrocos, 2014.

fig. 19 pág 68. Fotografia de arquivo pessoal, Marrocos, 2014.

*Oco de pau que diz:
Eu sou madeira, beira
Boa, dá vau, triz triz
Risca certa
Meio a meio o rio ri
Silencioso, sério
Nosso pai não diz, diz:
Risca terceira*

*Água da palavra
Água calada, pura
Água da palavra
Água de rosa dura
Proa da palavra
Duro silêncio, nosso pai*

*Margem da palavra
Entre as escuras duas
Margens da palavra
Clareira, luz madura
Rosa da palavra
Puro silêncio, nosso pai*

*Meio a meio o rio ri
Por entre as árvores da vida
O rio riu, ri
Por sob a risca da canoa
O rio riu, ri
O que ninguém jamais olvida
Ouvi, ouvi, ouvi
A voz das águas*

*Asa da palavra
Asa parada agora
Casa da palavra
Onde o silêncio mora
Brasa da palavra
A hora clara, nosso pai*

*Hora da palavra
Quando não se diz nada
Fora da palavra
Quando mais dentro aflora
Tora da palavra
Rio, pau enorme, nosso pai*

A TERCEIRA MARGEM DO RIO
Caetano Veloso



fig. 01

{prólogo}

dúvida

*É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo. É preciso aprender.
[...]*

TOW IN
Alberto Pucheu

≈ O texto que se segue, segue longe das pretensões.
Corre entre as palavras na qualidade da dúvida,
todo tipo de pensamento que tenho.

Sei que as coisas insistem em mim e eu insisto na apreensão de cada parte das coisas. Incumbência impiedosa que advém dessa mania, a mania de perguntar. Quero dizer que meu interesse pelas coisas que me atravessam o caminho é da ordem da infinitude e eu sei disso. As coisas, digamos assim um objeto, um acontecimento, permanecem na minha mente com uma insistência que eu particularmente adoro. Rondar, sondar, procurar, mapear, anotar, caminhar e não chegar a lugar algum acho que é por isso que a gente vive. É por isso, eu sei, que eu escrevo e que eu desenho e também que eu danço. Porque eu posso me mover e fazer essas coisas e porque fazê-las é um sem fim. Bonito isso que é infinito, eu posso sempre e diferentemente. Imagino que seja esse um sentimento fresco e curioso, descobrir o que há de novo no que é aparentemente o mesmo. Então, o lugar algum é na verdade o horizonte de um caminho (o ideal, na natureza, que transpõe montanhas e florestas, que está sempre para lá). Não importa o lado que se olhe e a direção que se escolha, há de caminhar quem tem curiosidade.

Eu me pergunto quais são meus interesses, eu me pergunto por que eu faço o que faço. Dúvida da natureza da dúvida. Quando eu escrevo, quando venho aqui e escrevo, é porque é o lugar onde me permito as palavras. Os meus desenhos esvaziados não admitem as ideias direcionadas (ou indicadas). Me interesse pelas palavras. Poder pensá-las e dizê-las. Este é um momento em que eu posso adentrar a poesia e a literatura, ou ao menos almejar à proximidade a tais linguagens do fazer poético. Quero dizer que o texto que se segue não pretende, mas duvida livremente de minhas próprias escolhas.

Me envolver com o que faço não necessariamente me traz respostas, as pistas estão pelos anos, lugares e situações que vivi.

Há outra divagação antes que o assunto comece da maneira que parece dever começar: eu descobri que é o ritmo das coisas que me chama atenção para essa ou aquela direção, e de acordo com meu estado de espírito, essa é a direção que tomo no meu caminhar pelo mundo e pelo tempo. Isso é da ordem do movimento e da qualidade de ser uma criatura que possui um corpo, mas é também da ordem do desejo de outros tipos de movimento, de poder escorrer, de poder pairar, de poder esvoaçar. Para que eu experimente tais outras formas de se materializar, eu as manejo: experimento o papel, o branco, o plano; superfície que recebe tão naturalmente a intervenção.

Ao me ver em pensamento infinito, penso que transito nos assuntos e nos objetos, permeando-os; passando por dentro e por deixar e retirar, penso que fluir seja o melhor verbo, com a liquidez própria da água, movendo seixos.

O texto que se segue apresenta cinco partes, não há relação de causalidade entre elas em que um capítulo evolua no outro, há no entanto, uma íntima relação entre os assuntos, de modo que o texto pode ser visto como constelação, onde o todo expõe de forma significativa os meus interesses em meu trabalho visual, bem como escrito. São as partes: deserto, paisagem, fenda, água e mística.

O *deserto* se apresenta neste texto na forma de um lugar de possibilidade e esvaziamento da imagem. O observador do mundo como um leitor, ativo na materialização de uma imagem. Procuro pensar a reverberação que um espaço aparentemente vazio parece ocasionar naquele que observa.

A *paisagem* entendida como imagem abstrata fruto da assimilação de diversos estímulos que um lugar e um estado sentimental proporcionam.

A *fenda* como local de transcorrência, onde seria possível uma relação entre as coisas de maneira complexa, lugar de trânsito entre formas e definições.

A *água* como matéria que infesta, que infinita: no mar e na corrente do rio, na vibração e na calma, na limpidez e na escuridão. Da falta da forma à capacidade de abraçar, o elemento líquido como imagem.

A última parte trata das considerações finais do texto, sob o título “mística” onde venho pensar os processos destilados aqui em um paralelo com uma experiência de viagem recente ao Marrocos. Tendo sido, porém, uma miragem.

.....

*Nada trazem consigo. As imagens
Que encontram, vão-se deles despedindo.
Nada trazem consigo, pois partiram
Sós e nus, desde sempre e os seus caminhos
Levam só ao espaço como o vento.
Embalados no próprio movimento
Como se andar calasse algum tormento
O seu olhar fixou-se para sempre
Na aparição sem fim dos horizontes
Como o animal que sente ao longe as fontes
Tudo neles se cala p'ra auscultar
O coração crescente da distância
E longínqua lhes é a própria ânsia
É-lhes longínquo o sol quando os consome
É-lhe longínqua a noite e a sua fome,
É-lhes longínquo o próprio corpo e o traço
Que deixam pela areia, passo a passo.
Porque o calor do sol não os consome
Porque o frio da noite não os gela
E nem sequer lhes dói a própria fome
É-lhes estranho até o próprio rastro.
Nenhum jardim nenhum olhar os prende,
Intactos nas paisagens onde chegam
Só encontram o longe que se afasta
As aves estrangeiras que os trespassam
E o seu corpo é só um nó de frio
Em busca de mais mar e mais vazio.*

HOMENS À BEIRA MAR

Sophia de Mello Breyner Andresen





fig. 03

deserto

Francis Ponge em *Métodos*¹

Dizem [...] que se uma coisa é verde, é justamente porque ela não pode deixar passar os raios verdes, porque com esses ela não pode, eles ficam ali. Todas as coisas queriam ser brancas, deixar passar todos os raios. Mas todas têm um defeito, uma danação. Esse é o senso trágico, dramático, o senso de Braque, digamos, se quiserem assim, em pintura. É o sentimento de que a cor é... A coisa não pode ser de outro jeito, ela é de determinada cor porque não pode, é um defeito, ela não deixa passar aqueles raios. Essa é a sua falha, sua falta. Ela não pode.

O branco é quase não-ser, ultrapassado por todos os raios. “Sem defeito” em poder ser outro. É a falta em si.

Contudo o branco ainda não pode, por ser a falta quase toda. É só quase. Infinitamente trespassado, ele não pode. O branco é - a falta é. Pois branco é também uma maneira de ser, no fim das contas, uma cor. Há de ser então a possibilidade do verde, do azul, do vermelho, há um coeficiente, o reflexo, que propõe as cores das coisas, mas esse coeficiente não é da ordem do desejo, ele simplesmente está ali como parte das coisas. As coisas refletem e absorvem.

1) PONGE, Francis. **Métodos**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

É sabido das coisas que existem, é sabido delas aquilo que se vê com estes nossos olhos (humanos). E ao perguntar sobre o que é visto, sobre o que é sabido, está sempre a falta como primeira questão. Por que sendo amarelo esse girassol não é rosa? A falta nas coisas é a qualidade de serem outras coisas, mas isso não está posto em um sentido negativo, o defeito ali em Ponge, o defeito há de ser o conforto do vazio.

Este vazio, quando entendido feito parte das coisas, não incomoda ou entristece. Sendo assim, a solidão é um momento natural do indivíduo (ou coisa). Não é vão nem vago, a este vazio não falta nada; é da sorte d'um todo, na verdade, de um tudo. No sentimento muito ou quase nada, ele se aplica, é vazio mutável porque é a mudança em si, ou sua capacidade.

Está aí uma ordem natural, pergunta-se às coisas o que se quer saber sobre elas; o que há de haver sobre elas está contido nelas. Pois, voltando às cores, existem coisas que são na qualidade da sua cor e vice versa, veja bem: a areia, a areia tem cor de areia. Ela se aproxima do bege, do amarelo, do branco, mas no fim das contas as areias tem cores de areias, que são diversas. Pense assim, o mundo de areia, esse é o deserto. O deserto é um sem fim de areias, essas que são infinitos grãos. Pois veja, para o íntimo e para o evidente o deserto trata de imensidão. Se trata de um horizonte que é sempre sem-fim-da-vista e que é mutável, pois há o movimento das areias.

Os arredores nos desertos, são sempre os mesmos na aparência, são dunas e dunas e dunas e de repente ondas de dunas, redemoinhos de dunas. Seco, quente e ensolarado. O deserto é lugar do silêncio; quietude transbordante de imagens ainda não anunciadas. Pois essas coisas são da mesma ordem do que não se vê (mas se sente), então se suspeita.

Há uma ideia, do imaterial ou etéreo, que trata das coisas invisíveis ou pouco visíveis; que as imagens sejam da ordem do invisível é de fato um paradoxo. Mas apenas a princípio, pois quero dizer que as imagens não são as coisas do mundo, elas são as nossas vistas sobre as coisas do mundo.

Maurice Blanchot em *O espaço literário*²

Mas o que é a imagem? Quando não existe nada, a imagem encontra aí a sua condição, mas desaparece nela. A imagem pede a neutralidade e a supressão do mundo, quer que tudo reentre no fundo indiferente onde nada se afirma, tende para a intimidade do que ainda subsiste no vazio: está aí a sua verdade .

Gosto de pensar no silêncio como o momento em que a vista se faz na contemplação. A dizer, imagens que são silenciosas, que são vazias, não é isso; a imagem é silêncio, a imagem é vazio. Não são qualidades que se somam, são coisas que se são. Quando paro, respiro e vejo, não são ações separadas no tempo e no espaço, respiro-parada-vendo e este é o momento do vazio - antes que ele se torne alguma coisa.

É uma atitude, a de olhar sobre as coisas antes que elas se tornem imagens. E no deserto, as imagens são areias? São areias dos mais diversos minérios, que refletem e absorvem. Estou por pensar a experiência do deserto / silêncio / vazio . Um indivíduo sozinho no deserto do Saara - o maior deserto do mundo.

O Deserto por Jorge Luis Borges³

A uns trezentos ou quatrocentos metros da Pirâmide me inclinei, peguei um punhado de areia, deixei-o cair silenciosamente um pouco mais adiante e disse em voz baixa: Estou modificando o Saara. O ato era insignificante, mas as palavras nada engenhosas eram justas e pensei que fora necessária toda a minha vida para que eu pudesse pronunciá-las. A memória daquele momento é uma das mais significativas de minha estadia no Egito.

2) BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

3) BORGES, Jorge Luis. **O deserto** In: BORGES, Jorge Luis, KODAMA, María. Atlas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Essa ação, modificar o Saara na aparente insignificância que o seja.

Não se trata do caminho realizado pela areia nas mãos do escritor. Aqui não é a areia que fala, ela é apenas areia, mas o que Borges constrói da imagem dessa ação é da parte do encantamento. Um deserto me oferece o vazio (como todas as imensidões) e então há espaço suficiente para a miragem (para tudo aquilo com que eu desejar preencher). No deserto eu confronto a imensidão de dentro de mim. E, em mim, modifiquei o Saara.

As imagens são transportadas por dentro, na atitude de ser / ver. E fora necessária toda uma vida para modificar o Saara - que é a expectativa de ver a areia em minhas mãos, de vê-la escorrer de minhas mãos, de que tenha sido o eu o atuante daquela ação aparentemente pequena. Trata-se não das grandezas em-si, mas da dinâmica entre elas: o grão de areia no deserto, a gota d'água no mar. São coisas perdidas.

As coisas perdem-se por serem imagens que passaram no tempo e no espaço. Não digo que deixaram de ser, são pelo caminho e permanecem em seu lugar, sendo. Eu que me movo, eu que tenho desejos, eu é que me perco das imagens como que sempre buscando o fim delas, ou o meu próprio. Aqui, a procurar as bordas de mim, vasculhar os meus contornos é necessário, é também tarefa inexequível como buscar as bordas do deserto, ou ainda as bordas do mar (neste planeta água). Pois até nisso a areia adentra o mar (e também o contrário).

Busco a linha que me define, mas entendo que ela é só um imaginar de barreiras, eu andar sobre a terra ou sentar na cadeira tem explicações moleculares, mas que não falam de limites, falam de aglomerações. Eu ser um conjunto de minérios que são diferentes dos minérios da areia me permite que eu sinta essa outra materialidade, pela diferença de mim, justamente por diferenciar-se. A sedução das coisas, por sua vez, vem na qualidade da curiosidade e se dá na semelhança, há na minha composição alguma sorte de minérios que estão também na areia, na terra, na água, e é como se desejassem se reencontrar.

A confluência da areia com o mar: o litoral é um limite material da sensação na pele. A areia e então a água, que toca os pés mas volta ao mar são diferentes excitações, um ir e vir constante entre firmeza e flutuação. Este limite é decisivo no corpo e na mente porque me convida ao mergulho, que, depois de realizado, me leva a novas condições perceptivas dos arredores.

Quando eu respiro-parada-vendo é o momento antes da decisão do mergulho. Imergir na água ou na areia, imergir na imagem e ser tomado por ela, pela in-finitude que há para fora de mim. Isso é poder ver nas coisas a possibilidade toda, pois é apenas o foco que me indica o que é interno e o que é externo e nem por isso está separado. A ver, a miragem é fruto da condição d'eu estar no deserto e me misturar, o lugar e a vista.

Miragem é convite aceito, desertar conceitos de real e sonho e se deixar caminhar na imprecisão da imagem. Deixar o olho duvidar do pensamento para então modificar o Saara. Digo isso porque acho necessário relacionar-se com as coisas e adentrá-las, sendo que elas me adentrem, numa vontade sempre presente de se entender, de se descobrir, de se observar.

O deserto como a cor branca absorve todos os raios, dinamiza-os, transforma-os: miragem. Como campo da possibilidade, penso em dizer que o deserto convoca meu olhar, quer que eu o vasculhe por inteiro e reaja. Este vazio me diz que eu preciso reagir, mover daqui pra lá uma parte de mim, que seja nossa. Uma imensidão que não assola, que não estanca, que me tira do meu lugar. Eu poder pensar por imagens, ser das imagens; caminhando no deserto.

.....

Cristal envol
vendo o
ramo

sal envol
vendo o
sal
sal envolvendo-se

cristal único estéril
mar em branco

SAL
Orides Fontela

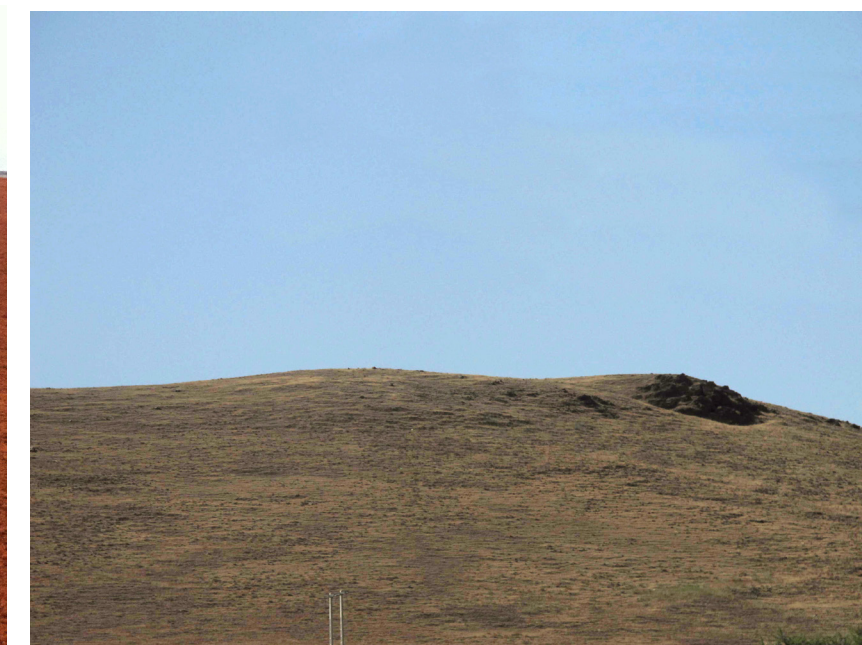


fig. 04 e 05



fig. 06

paisagem

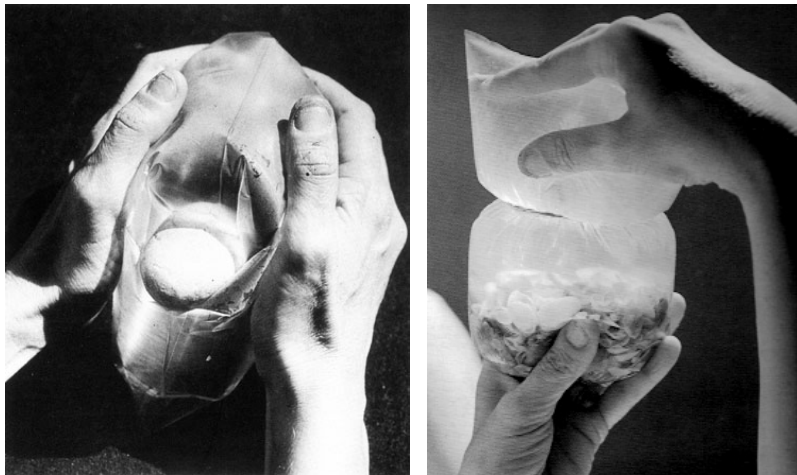


fig. 07 e 08

*Faz-se o silêncio, ouve-se o vento que sopra lá fora,
as folhas de outono sussurram e voam [...]
E em cada gole, se sublima o tempo.*

A ELEGÂNCIA DO OURIÇO

Muriel Barbery

Lá fora é a paisagem que aqui de dentro descrevo. É por poder delinear com palavras uma imagem que se parece concreta como coisa material que advém a suspeita: pensar uma paisagem requer um local “real” e que será visto, entendido e conformado como paisagem? A pensar as imagens fugidias como sendo, haveria de ser também o experienciar um ambiente, algo em fuga. Quero dizer, produzir imagem requer uma coisa primeira: estar no mundo / que eu seja ao menos uma consciência que se faz presente. Nesse sentido não há como separar imagem de paisagem, são coisas que andam juntas. Daí penso que a paisagem é um momento da imagem, quando me oriento pelo que há de exterior a mim.

Quando eu admiro o mundo, quando eu respiro-parada-vendo o mundo, é ação experimentada na constatação das coisas que existem. Se há mar! Se há rio e montanha! Há de haver uma vontade infundável de que o que vejo faça parte de mim. Pois é em dizer o vazio do peito na forma infinita de um deserto que penso que a paisagem seja fruto de um sentimento e um espaço.

Sei que a paisagem não admite apenas a natureza deslumbrante, grandiosa, da cozinha ao carro (ou comer algodão doce num banco), no mundo, espaço há suficiente para que as vistas e o corpo sejam estimulados, tudo há de ser contemplado. Mas devo admitir, a minha preferência está nos momentos em que parece não haver homem, em que, eu não me vendo, não há coeficiente da humanidade senão o meu próprio pensar. A paisagem é o deslumbramento em si, nas pedras, nas águas, nas areias, nas árvores, nas montanhas e planuras.

Gosto das imensidões aparentemente intactas, talvez porque aí haja espaço para o sonho, posso construir eu mesma toda sorte do que há de ter na minha mente. (A pensar que, de certa forma, tenho apreço por arquiteturas íntimas).

Penso que a paisagem se faz no olho e que é também antes do olho. Isso é pensar que a paisagem é momento-silêncio, antes do tempo, mas também assim-que-se-torna tempo, ou ainda o tempo em-si. Como leitura do mundo e da minha presença no mundo, a cada instante eu descubro que estou aqui e descubro que as coisas estão aqui comigo. Mas é porque as coisas estão aqui comigo que eu sei a minha própria existência. Me interessa aqui a simultaneidade e poder perceber que a leitura das coisas está direcionada por um desejo. Quero dizer que a direção para onde olho é a de algo que quer ser visto e me chama. Não há causalidade, não há consequência, há compartilhamento e todo tipo de relação entre as coisas.

Blanchot em *O espaço literário*

A leitura faz do livro o que o mar e o vento fazem da obra modelada pelos homens: uma pedra mais lisa, o fragmento caído do céu, sem passado, sem futuro, sobre o qual não se indaga enquanto é visto.

A leitura é suspensão do tempo, é o momento em que não se questiona o que se vê, pois as coisas dadas aos meus olhos são as coisas em-si. Essa leitura, a da paisagem, está em conjunto com meu corpo. Em perceber um rio que corre, eu sinto vento nos cabelos, gramas sob os pés, um sol baixo a se pôr. O rio é imagem de água, mas o fato de que ele corre e o fato do tempo que transcorre está em ouvir o barulho do rio, em arrepiar-se com a brisa na pele e em pensar que é fim do dia pois a luz, a luz está baixa. Pois eu não vejo o sol e eu não vejo o correr do rio, eu não sei o seu caminho, mas sei que há um caminho e penso que deve ser longo e tortuoso, de calmaria e explosão, simultaneamente à imagem que vejo.

As minhas vistas não são as coisas em-si, são as coisas refletidas, quebradas, removidas, inferidas, deslocadas. As sensações todas juntas, essas contextualizam um estado. É importante não se esquecer de que a paisagem não se resume aos meus desejos, ela é movida por algo externo a mim, como fruto de uma relação, significa que duas coisas são atuantes aí (duas na frase, uma coisa e outra, mas é plural, é maior que isso).

Quando eu atravesso um espaço, na física e na poética, eu sou atravessada por ele. O meu passo no chão não empurra o mundo para trás, eu sou empurrada para frente. O mundo me impulsiona. Há maneiras de se ver esse movimento, quando passo a observar uma outra coisa no mundo, por exemplo. Ao sair de mim mesma, descontraí-me na explosão de movimentos ao redor, suspeito que haja afinidade entre os elementos e é essa afinidade que faz as coisas se aglomerarem e se separarem, refletirem e absorverem.

Se em algum momento pôde-se entender que eu tenha dito que é somente a dúvida que me move, certamente foi um excesso da palavra (da minha). Considero necessário se apegar a algo para não me perder por aí, até porque isso acontece naturalmente, no chão que me toca os pés. E então *If you hold a stone, hold it in your hand, if you feel the weight you'll never be late to understand*¹. Uma pedra que me cabe na mão há de ser o coeficiente de sua própria existência, ela persiste, e sua indiscutível permanência me impulsiona. Desperta-me as sensações, a sentir-me viva.

1) Letra e música de Caetano Veloso, intitulada *If you hold a stone*. Conta-se que a letra foi escrita em homenagem à artista Lygia Clark e seus objetos relacionais.

Francis Ponge em *Métodos*

Este pedregulho obteve a vitória (a vitória da existência, concreta, a vitória de vir parar na minha frente e de nascer para a palavra), porque ele é mais interessante do que o céu. Não de todo negro, antes cinza escuro, do tamanho de meio fígado de um coelho (mas nenhum coelho tem nada a ver com isso), que cabe bem na minha mão.

No pedregulho parece não haver nada que seja humano, daí meu deslumbramento primeiro, em vê-lo e vasculhá-lo está justamente o que há de mais humano em mim. Eu não duvido das coisas por não acreditar, mas por haver curiosidade sobre elas. Porque acredito plenamente nelas.

O momento da pedra na mão é momento parado: não há procedência e nem haverá destino, o destino da pedra é ser sempre pedra. Isso vale aos ambientes e a todas as coisas. Isso é algo que já pensei por aqui, eu é que me movo, o pedregulho permanece onde eu o deixar, figurativa e literalmente.

Agora vejo de perto uma pedra-montanha, pois há montanhas de pedras e o reverso é natural. Bem aqui na minha mão, toda uma formação montanhosa, de relevos diferenciados, de luz e sombra. Para dentro dela, para dentro, nos buracos, são cavernas. Isso é emocionante. O infinito das coisas é externo e interno, mesmo que para dentro não seja coração e subjetividade da coisa, mas que seja o meu, tanto faz, que ele exista basta. As coisas me despertam a vista e os batimentos cardíacos.

Agora, andei pensando, porque a ideia comum de paisagem é sempre horizontal? A efeito do mundo e da nossa proporção, entendo o horizonte infinito e que o céu que começa de um lado na terra termina no outro lado, em terra. Mas também a efeito do corpo, um



fig. 09

olho que é ao lado do outro olho, em linha (quando são dois, humanos). Eu percebo que em contemplar, eu testo os limites corporais deste órgão, até onde consigo focar? O horizonte é teste da mente e truque da visão.

Nada mais compreensível, eu sou um ser vertical, sempre em desejo de me horizontalizar (não apenas porque isso também signifique dormir), por diferenciar-se de mim e porque é a maneira que me movimento pelo mundo. Oras, o chão é horizontal em relação a mim e meus passos se dão no chão. Quando o ângulo muda, o enquadramento do olho também muda, só que dificulta para a pernas (a tentar escalar montanhas íngremes sem usar as mãos). Entretanto, no efeito olho-ao-lado-do-olho, horizonte ainda é horizonte. Quando eu deito, o olho fica em cima do olho e as coisas parecem não estar mais em cima do chão. O chão e o céu: porque um é o limite do outro (na aparência).

Ao ser humano, no sentido daquele que pensa e sente, adiciono a noção de que é aquele que tem apreço por isso e deseja sempre pensar mais e sentir mais. Há aí um apego pela in-finitude de mim que me faz identificar-me com as infinidades que perpassam o viver na terra. Gosto de poder caminhar sempre em direção ao horizonte, sabendo que ele se move junto comigo, na mesma distância, sempre pra longe. Afinal, o que seria chegar a um lugar?

Paisagem então possa ser isso, caminhar em busca das imagens, elas que fogem. A dizer, é o ponto de fuga da imagem, é o sentimento de que esse lugar onde estou escapa a mim por eu ser outra coisa. Não que os iguais se identifiquem, os iguais permanecem sendo juntos uma coisa só. Neste ponto eu devo admitir que não se pode falar em “imagens” mas sim em “imagem” no singular, um todo que é imagem e que me escapa de uma só vez, mas não de uma vez por todas.

A pensar: a paisagem é miragem, delírio desértico de um lugar que tudo me dá e retira ao mesmo tempo. Onde ao decidir o que vejo já não estou vendo, mas sentindo. Penso que paisagem é resquício da imagem no corpo, como cicatriz. E é por isso meu apreço pelas marcas das coisas, indicam uma passagem pelo tempo, uma luta pela permanência. Luta essa que falha, pois as coisas no tempo são outras coisas (as coisas no lugar são as mesmas coisas, quando se diferenciam é por escorrerem pelos dias, pelas horas, adicionando e retirando). Marcas da terra no mundo, sempre em movimento. Revelo aqui uma paixão pelas imagens topográficas, das que exibem cicatrizes da terra, toda sorte de relevos, todo tipo de pegada e rajada de vento. Lugares de história vivida (ou o transcorrer da vida em si).

As marcas no homem não são somente de ordem física/corporal, há também marcas subjetivas que me desviam, que me conduzem, me levam a este ou aquele desejo. Na transcrição não haveria de ser diferente e é a poesia o lugar de trânsito da palavra que me permite maior identificação com a linguagem pra dentro de mim.

Na poesia a palavra pode despedaçar-se, unir-se, precipitar-se, silenciar-se. Como em Mallarmé, onde o branco da página é condição para que as vistas possam transitar por esses espaços entre-palavras, constituindo novos sentidos à frase, ao verso, ao poema como um todo. Sua construção na página se assemelha à formação de uma paisagem, pelo caminho capta-se diversos estímulos e o sentido (ou a falta dele) se dá na interpretação, no reflexo dessa relação, no delírio entre as palavras. Quero dizer que, para mim, o ponto em Mallarmé é o que está entre as coisas, são seus respiros, seus relevos, suas possíveis conexões.

Stéphane Mallarmé, no prefácio de *Um lance de dados*

*O papel intervém cada vez que uma imagem, por si mesma, cessa ou recede, aceitando a sucessão de outras, e como aqui não se trata, à maneira de sempre, de traços sonoros regulares ou versos – antes, de subdivisões prismáticas da Ideia, o instante de aparecerem e que dura o seu concurso, nalguma cenografia espiritual exata, é em sítios variáveis, perto ou longe do fio condutor latente, em razão da verossimilhança, que se impõe o texto.*²

O momento da palavra é um momento parado e o movimento se dá no vazio que a cerca, isto é, na possibilidade de ser outra e na transformação que ocorre na dinâmica entre duas palavras dentro deste espaço vazio. É por haver pausa que há transcorrência.

Os caminhos entre-palavras me aparecem como cicatriz, elas são o próprio papel. As poesias de Mallarmé são verdadeiras paisagens-da-palavra e se comportam como tal. A cada palavra ou sentença um novo estímulo, o que me proporciona novos significados e diferentes interações, ao fim cada leitor tem sua própria configuração da página.

A ver que a paisagem é estímulo do olho e do pensamento, é da intimidade das sensações e é porque o mundo existe ao meu redor.

2) Aqui havia um desejo de transcrever todo o prefácio, pois ele representaria de forma completa o que quero dizer, mas em caráter de delongas e em poder eu mesma escrever como me convém, as ideias, fica aqui este trecho como estímulo da discussão. Tradução de Haroldo de Campos.

≈ um leito de rio. faço a imagem. faço a imagem e começo a pensar em um leito de rio, e penso que também essa imagem é de um rio esvaziado. não porque quero o fio do rio, mas porque de princípio, penso no leito e não no rio. Como é um leito de rio? faço outra imagem. nova figura que é também paisagem. o leito de rio está debaixo de céu e entre terras. o leito do rio é um momento do rio. sendo na verdade o momento do rio. não em que ele se realiza mas em que ele sendo, é sempre leito e sempre rio. penso em um rio que não começa nem termina. faço uma nova imagem. faço, traçando assim como uma linha, esta outra imagem. em que já me esqueço do leito, penso no rio. esta figura agora compreende apenas águas entre terras. e de repente o rio é o corte da terra e não a terra a margem do rio. penso na margem, não penso no rio. a margem é recorte do céu. o céu é vasto até que seja contido pela margem, que é horizonte. um horizonte. penso em um horizonte e este é sempre horizontal. um horizonte vertical é na verdade um precipício. como é um precipício? é recorte do céu, mas está entre horizontes. o precipício é leito de rio. compreende o rio, o céu e o horizonte. o precipício é também momento do rio.

O precipício em que a água cai e que inicia o correr do rio.
Ou que o para.

.....



fig. 10



fenda

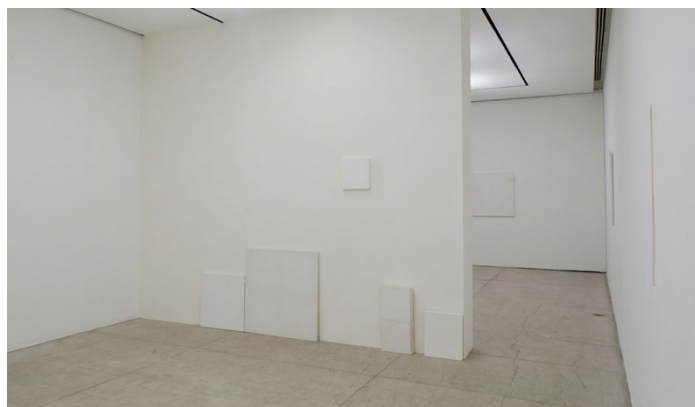


fig. 12 e 13

Volto a pensar na falha das coisas, na falta, em Ponge. E penso que essa ausência nas coisas é justamente o porquê delas existirem. Por assim dizer, entre todas as existências há uma falha e é ela que confirma que daqui pra lá, não sou eu, mas outro. Essa falha, essa falta, contudo, não é limite, ela é parte integrante. A ausência nas coisas é o espaço passível de mutação, é um vazio de possibilidade e portanto, sem fim. Aqui mais uma vez o infinito.

Blanchot em *O espaço literário*

Silenciosa, portanto, porque nula, pura ausência de palavras, permuta pura em que nada se troca, onde nada existe de real a não ser o movimento de permuta, que nada é.

Sobre o silêncio das poesias de Mallarmé, sobre o espaço em branco. Este é o lugar do futuro, porque desconhecido, mas porque também, precedido de coisas que conheço, de um agora em que as coisas são o que são. Seria uma permuta entre o que se é e o que pode vir a ser, que é eterna, o que indica de certa forma um fracasso. Fracasso assim, no sentido de “sempre” e “nunca” serem coisas muito próximas e talvez me sirvam apenas de literatura na hora da palavra. Fato é que as coisas são, mas que a iminência de deixar de ser está sempre a espreita (numa noção narrativa).

A não me demorar nessas ideias, sempre volto a elas porque me são um dos nortes da discussão. Novamente a dizer, a falta é parte das coisas, é talvez por isso o ponto da dúvida ou ainda da curiosidade.

Por eu olhar muito profundamente a pedra e quase rachá-la ao meio e por não saber o resultado, a forma das duas partes seguintes, ou seriam três partes? Não saberei as consequências da força do meu olhar, sei apenas de sua capacidade de modificar no futuro o que eu vejo e da capacidade da pedra de ser modificada, em outro tempo. Penso nesta falta como a ideia de uma fenda nas coisas, é o ponto onde elas podem se quebrar, se despedaçar na noção de um objeto e tornar-se outro.

A capacidade de observar. Por alguma razão eu penso a palavra “observar” como algo mais íntimo que “contemplar”, na ideia de uma escala humana, como quando observando algo, este algo é menor que eu e talvez caiba bem na palma da minha mão, numa espécie de afeto pelo tato. Já a contemplação me diz algo maior que eu, eu inserida nesta coisa, eu na palma da mão do que contemplo, com fascinação, num afeto pelo olho. Não que isso não possa ser da ordem da intimidade, mas é como que no inverso, na contemplação eu sou a intimidade do espaço e na observação o objeto é minha intimidade. É só uma questão de ponto de vista.

Andava pensando sobre a capacidade de observar, isso seria o potencial da vista em tentar ver para dentro do objeto, esse seria o momento da pergunta (da dúvida). Ao quase fender algo, ao quase destruí-lo, esta é a dúvida em si. E sendo um momento decisivo, como os momentos de êxtase da descoberta, é êxtase em ver a falha. Pensando isso como uma ação humana e em grande parte mental, como seria em movimento, qual seria o movimento da mente no auge da concentração, na desconstrução da vista, na hora em que eu duvido do que vejo? Eu penso em um movimento parado, que vem antes de um passo para dentro de um rio, antes de me jogar para o precipício.

Acho que penso a fenda como precipício, onde corre água, onde correm nuvens, correm palavras e outras coisas. Quero dizer, sei que ando pensando muitas coisas e ora falo do antes e hora do depois, mas na verdade eu estou falando do que há entre esses dois momentos no tempo,

que chamado nas palavras de “agora” há de ser o mais abstrato dos momentos, o mais difícil de ilustrar. O que é uma ironia, de que melhor maneira mostrar o agora senão mostrar as coisas, sendo que as coisas são. É que não é tão mesmo assim, há de haver um momento da vista sobre essas coisas, esse momento é que é parado, é que é silencioso, é que é a falta, a falta de tempo. Seria talvez isso, um momento em que não haja tempo, apenas as coisas cruas, onde dentro das coisas cruas se pudesse ver algo assim como uma verdade, a verdade das coisas, que me é totalmente vazia.

A falta, como não poderia ser diferente, é vazia. Só que isso pode ser perigoso: falta à falta? Isso me leva a pensar que falta algo ao vazio ou o contrário, mas é na verdade só um problema de construção na frase. A falta é o vazio. Há um vazio nas coisas e ele é a fenda que vos apresento.

Em perceber o lugar, a ilustrá-lo feito uma linha que corte de ponta a ponta aquilo que vejo (poderia ser isso também o horizonte) eu entendo que haja uma grande confusão ali “dentro”, oras, se são as possibilidades todas em permuta há de se pensar em uma transcorrência das coisas. É na fenda que as coisas escorrem, feito água, feito rio. Essa confusão não é desorganizada, mas não é também organizada, pode-se dizer que fluem, independente da direção e da intensidade.

{ABISMO}

Na memória, um precipício me parece um lugar por onde já passou água em algum momento do passado. Neste sentido o precipício é momento do rio, talvez isso signifique que ele também sempre corre, ou que transcorre para sempre.

O abismo é mais dramático e por isso lhe dou lugar no mar, o abismo traz um quê de desconhecimento ou mistério que nunca muda, porque nunca é visto ou descoberto. Seria onde a água existe, como que

um grandessíssimo recipiente aparentemente sem fundo. Ora pois, convenhamos, a última coisa que se quer saber de um abismo é o seu fundo, o seu fim.

Bom, isso me aparece novamente como dúvida: às vezes tentamos pensar o fim das coisas infinitas. Um número de muitos Algarismos. A maior palavra que eu conheço. Onde termina o deserto e começa o mar? Mas isso não é para agora, digo no texto, nesse texto.

O que eu quero mesmo é dizer que suspeito que não existam limites. Embora a fenda me apareça como fissura, como corte ou ainda rasura, isso não significa que ela marca um limite ou que ela divida as coisas em dois. O fato das coisas poderem se tornar dois é parte das coisas, já está contido em sua forma todas as outras formas que ela poderia ter. E não é que eu me interesse por esse outro lado, o interesse é pela capacidade, bom isso é algo que, acredito, já esteja claro.

Não há muitas delongas em pensar a fenda:

é a posição do que permanece porque lhe falta lugar ¹

Porque permuta.

.....

1) BLANCHOT, 2011.

*Quando um rio corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.*

*O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase a frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.*

RIOS SEM DISCURSO

João Cabral de Melo Neto



fig. 14

água

*Dentro do mar tem rio
 Dentro de mim tem o quê?
 Vento, raio, trovão
 As águas do meu querer
 [...]*

BEIRA-MAR

Composição de
 Roberto Mendes e Capinan,
 interpretada por Maria Bethânia

De maneira líquida, é como entendo as relações. Pois a propriedade irrefutável da água é sua fluidez. Então colocar, retirar, trocar, absorver, transbordar, envolver: são qualidades do elemento água e das interações entre as coisas. Sobre a imagem como discurso do rio em João Cabral, a continuidade da imagem, que seria o ver o mundo o tempo todo, diz respeito ao transcorrer de todas as imagens, todos os fios de água juntos para se dar em enxurrada.

A partir de quantidade de água abundante, é de se pensar um grande sufocamento, um afogamento em imagens? Estaria mais para estar envolto delas sendo conduzido por elas, em uma relação do olho na paisagem. Estar a deriva ou derivar-se (num multiplicar-se em cada fio de água). A me deixar escorrer por entre as coisas.

Eu quero dizer, se há uma confusão entre imagem e coisa, há de se lembrar que na verdade uma coisa e outra são juntas e em excelência, essa é a minha maneira primeira de apreender, no ver, pois às vezes não se alcança as coisas com as mãos. E essa confusão é de meu interesse, pois a pensar-me em redemoinho, não há maneira de afirmações, concretudes e solidificações me barrarem o movimento. Estou correndo rio abaixo.

Gaston Bachelard em *A água e os Sonhos*¹

A água, agrupando as imagens, dissolvendo substâncias, ajuda a imaginação em sua tarefa de desobjetivação, em sua tarefa de assimilação. Proporciona também um tipo de sintaxe, uma ligação contínua das imagens, um suave movimento das imagens que libera o devaneio preso aos objetos.

Devaneio “preso” porque está dentro dos objetos, em si, sua composição, o sonho é parte dos objetos, da parte a ser desvendada. A água em escorrer por entre, recebe e agrupa, delineando seus contornos e sua densidade quando objeto sólido, capturando seus momentos e suas formas no tempo, assimilando suas possíveis imagens. Não como capaz de prever o futuro, mas por poder apreender um passado e abrir curso no meio, com sua força e sutileza, caminho de rio, a correr fio da palavra, fio da imagem e fio do tempo.

Há muito a se pensar sobre tudo que concerne à água, há nela uma pluralidade própria, mas aqui as qualidades a serem pontuadas tratam da água muita, em oceano, infinita; da água séria, silenciosa, que não se pronuncia; da água límpida, transparente, que embaralha imagens; e da água limite aparente, no litoral, quando se acaba a terra.

O interesse pela água toda, no planeta água, vem pensar um tudo. Não como unidade, mas como coisa grande pra além de mim e além da vista. A retomar um deserto, um horizonte. No que diz respeito a água muita, grande diferença não há nas ideias de lugar da imagem no infinito, no que foi discorrido sobre o deserto. Há porém, uma materialidade que me parece mais capaz de se infiltrar e por isso compreenda de maneira mais acertiva o pensamento de um lugar da possibilidade toda e de sua constante fuga. A água transita.

1) BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. 2ª ed. São Paulo: Editora MWF Martins Fontes, 2013. p 13.

Gaston Bachelard em *A água e os sonhos*

Desaparecer na água profunda ou desaparecer num horizonte longínquo, associar-se à profundidade ou à infinidade, tal é o destino humano que extrai sua imagem do destino das águas.

Deixar de aparecer, como observado, juntar-me as partes aos fios de água e dissolver-me.

Já a água calma, então já o pensamento silencioso. Em não se pronunciar, infere, e por refletir o céu, se continua. Está aí uma verdadeira imagem sem imagem que por enganar-me o olho de novo e de novo, desfacela-se, ou melhor, escorre devagarinho para dentro da areia. É um pensamento que se esconde do próprio pensamento, uma inferência tímida mas que modifica. Eis aqui a infiltração. Devagar e sempre como o tempo.

As qualidades juntas se fortalecem, a água transparente e límpida aliada ao oceano e à calmaria, é essa que confunde as vistas e que detém a dúvida. Quando ao mirar a água, sua superfície se confunde com o fundo, que se confunde com o céu, eu já não sei o que é nuvem, o que é pedra, o que é vibração. Isso é metáfora da visão. Quando vemos, temos um emaranhado de informações, temos tudo aquilo que as coisas querem nos transmitir, nós recebemos todos os raios, todos os contornos, todas as cores. É então que entra a mente, na subjetividade, no sentimento, é também no coração o lugar da imagem. Em um mundo de pensamentos e coisas, conceber uma imagem é fazer nascer alguma coisa, é desse tipo de preciosidade.

La Jonction por Jorge Luis Borges²

Dois rios – um, de clara fama, o Ródano; outro, quase secreto, o Arve – juntam aqui suas águas. A mitologia não é uma vaidade dos dicionários; é um eterno hábito das almas. Dois rios que se juntam são, de alguma forma, dois numes antigos que se confundem. É o que deve ter sentido Lavarden quando escreveu sua ode, mas a retórica se interpôs entre o que ele sentia e o que via e transformou os grandes rios barrentos em nácares e pérolas. Ademais, tudo o que diz respeito à água é poético e nunca deixa de inquietar-nos. O mar que entra na terra é o fjord ou o firth, nomes de ressonância infinita; os rios que se perdem no mar evocam a grande metáfora de Manrique. [...]

O mar que entra na terra, a mesma terra que está no fundo do mar, como seu recipiente. Quero dissolver a ideia limite do litoral, quando do ponto de vista das interações. Fato é que é um encontro, mas um encontro eterno, contínuo, sutil. Não há de ser traumático. Esse encontro é em maneira de enlace e por ser desde sempre e para sempre pacífico, é mais uma maneira de infinidade (veja, ao contrário do limite). Borges aqui é tomado, por mergulho, no pensamento aquático. Que suspende, que flutuante só me leva a mais pensameto, a me demorar mais nas coisas. Os rios que se perdem no mar.

Acho que é isso:

Perder-se, sozinho, na infinidade.

.....

2) BORGES, 2010.



fig. 15



fig. 16

{epílogo}

mística



fig. 17

Em um momento houve uma oportunidade, eu viajaria ao Marrocos, lugar nunca antes pensado por mim, dos que existem e permanecem nessa maneira calada de ser um país. Eu iria e seria o momento oportuno: eu chegaria no deserto. Estou falando do deserto do Saara, o senhor dos desertos, que solidificou na minha mente um certo tom de laranja da areia que é efeito da incidência do sol e que faz com que as dunas maranhenses não sejam deserto por serem brancas demais.

Foi então que fui e não cheguei ao deserto. Isso não faz da experiência nada menos incrível, mas traz o elemento surpresa das férias de julho: frustração.

Talvez esse tenha sido o momento mais importante da minha vida (naquele momento, naquele exato momento, era tudo que eu precisava). Eu estar a quilômetros do deserto não significava um fracasso, pois entre ele e eu havia o Atlas Médio marroquino, a cadeia de montanhas que evita que o país seja engolido pelas areias. Um lugar de magnetude inexplicável (o que me fazia imaginar como haveria de ser o grande atlas). O lugar que permitiu toda a vida que eu pude conhecer nessa viagem.

Acontece que o dia em que eu não pisei no deserto foi o dia em que ele era pra mim tudo aquilo que escapa a ele: o deserto seria o meu fim. Algo como atingir o nirvana mas pelo viés da frustração. Ou uma viagem no tempo em que sem querer você vê você mesmo, muda seu destino e *puf!* Desaparece.

Está posto, eu não chegar no deserto fez com que parte de mim se desertificasse. A frustração foi impulso e me permitiu todas as palavras que até aqui se seguem. Imagine o fracasso de ter alcançado o deserto de fato? Não me cabe pensar no que não foi, sei que a parte que eu desconheço dessa experiência é justamente a minha experiência. Eu atravessei o oceano para não chegar no Saara.

Nessa viagem o deserto era minha miragem, era aquilo que eu imaginava para além das montanhas, era aquilo que estava por trás de toda a dinâmica das cidades, eram os tuaregs, o assunto das histórias, estava nos olhos das pessoas, enfim, era o segredo do Marrocos.

O meu trajeto se seguiu para Portugal e os pensamentos ultrapassaram comigo a fronteira. Chegar no país dos navegantes tendo saído do país dos povos dos desertos, é um paralelo fascinante. Pois é preciso a mesma coragem para enfrentar o mar de areia ou de água, quando se sabe de sua transitoriedade de superfície, de seu truque de movimento, de sua infinidade. Navegar é preciso; na sua necessidade, pois não há precisão naquilo que não se mapeia (os mapas são para as terras, são topográficos e mesmo assim devem ser sempre atualizados, pois tudo está sujeito ao movimento marinho).

Na oportunidade de visitar o Oceanário de Lisboa e por viver recordando a poeta (afinal eu estava em suas terras), qual não foi a surpresa em encontrar suas palavras impressas nos intervalos entre-águas daquele edifício marítimo. Sophia de Mello Breyner Andresen sabe dizer o vazio; e como isso reafirma o discurso do rio, que corre sempre e retorna sempre...

Seria essa parte da coincidência que eu digo a mística: eu andava nos últimos meses escutando um álbum onde Maria Bethânia interpreta músicas sobre o mar, chamado “Mar de Sophia” (a Sophia é essa mesma anteriormente citada) e o escutava porque pensava obviamente no mar, porque pensava sua lonjura e sua imensidão, porque pensava

na falta de ar e na escuridão, porque pensava no vazio. Eu descobri a poeta por ser citada ao longo do álbum e pela poeta eu descobri uma vida dedicada ao mesmo tipo de pensamento que o meu, Sophia fala da falta.

No avião, enquanto eu desejava o deserto eu ia calculando os quilômetros aquáticos que ia atravessando, ia somá-los às areias. Era uma viagem em busca de lugar nenhum, à procura justamente do lugar que não me cabe, onde não sou. Então eu não pisar no deserto me colocou para fora da minha própria expectativa. Faltou a mim a resposta, digamos assim, eu não soube o que era naquilo que eu não previ.

Diria de uma maneira mais pomposa mas no fim das contas é mesmo muito simples: eu vivi o processo que eu escrevia e isso é assunto aberto até agora, pois eu falo de coisas sem conclusão, de coisas infinitas, que absorvem e retiram, que se modificam.

.....

fig. 18





fig. 19

*Sem fim o mar. Sem fim o peixe, a verde
serpente cosmogônica que encerra,
verde serpente e verde mar, a terra,
como ela circular. A boca morde
a cauda que lhe chega de bem longe,
que vem da outra fronteira. O forte anilho
que nos engloba é tempestades, brilho,
reflexos de reflexos, rumor, sombra.
É também a anfisbena. Eternamente
olham-se sem horror os muitos olhos.
Cada cabeça fareja crassamente
a ferragem da guerra e os despojos.
Sonhado foi na Islândia. Os desdobrados
mares o divisaram intranquilos;
regressará com a embarcação maldita
que com unhas de mortos é armada.
Alta será sua inconcebível sombra
por sobre a terra pálida no dia
de erguidos lobos e esplêndida agonia
do ocaso cujo nome não se diz.
Sua imaginária imagem nos macula.
Antes da aurora o vi num pesadelo.*

MIDGARTHORMR

Jorge Luis Borges



[INSCRIÇÃO]

*Quando eu morrer voltarei para buscar
os instantes que não vivi junto do mar.*

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios.** 1ª Ed, Santa Catarina: Argos, 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Passeios na ilha – divagações sobre a vida literária e outras matérias.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.** (Tradução Antônio de Pádua Danesi) 2ª Ed, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário.** (Tradução Álvaro Cabral) Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BORGES, Jorge Luis; KODAMA, María. **Atlas.** (Tradução Heloisa Jahn) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3ª Ed, São Paulo: Editora 34, 2010.

EYBEN, Piero. **Da leitura como se deserto: inscrição e sujeição significativa.** In: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da universidade de Passo Fundo – v.9 – n.1 – p.75-90 – jan./jun. 2013

MALLARMÉ, Stéphane. **Um lance de dados.** In: CAMPOS, Augusto de.; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo. Mallarmé. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PONGE, Francis. **Métodos.** (Tradução Leda Tenório da Motta) Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SOUSA, Edson Luiz André de. **Escrita das utopias: litoral, literal, litoral.** Colóquio Internacional de Escrita e Psicanálise – UERJ, 2006.

TAVARES, Gonçalo M. Coleção: **Breves Notas.** Florianópolis: Ed. Da UFSC: Ed. da Casa, 2010.

VILA-MATAS, Enrique. **Exploradores do abismo.** (Tradução Josely Vianna Baptista) São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Composto com tipografia

***PT Serif** em papel Canson 140gm.*

Brasília, novembro de 2014.

